VII Simpósio Nacional de História Cultural
HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES
Universidade de São Paulo – USP
São Paulo – SP
10 e 14 de Novembro de 2014

"NEM A MULHER BONECA, NEM A MULHER SOLDADO": A INCLUSÃO DAS MULHERES PERNAMBUCANAS NO MOVIMENTO DE EXTREMA DIREITA NA DÉCADA DE 1930

Helisangela Maria Andrade Ferreira*

O campo da política durante muitos anos esteve no cerne dos historiadores que tinham suas atenções voltadas para a história oficial. Uma história factual que não apresentava uma problematização dos fatos históricos. A Escola dos Annales movimento que surgiu durante o século XX, por volta de 1929 e que passa a questionar a modo de se fazer história até aquele momento. Houve a substituição de uma história breve e factual por processos de longa duração para que o leitor tivesse uma melhor compreensão dos acontecimentos.

Estaria lançada a chamada "história-problema" que não estaria ali para expor os fatos, mas para problematizar determinado acontecimento histórico. E quem melhor estaria presa a essa maneira tradicional de se escrever a história? A história política. Idealista, elitista, psicologizante, subjetivista e factual a história política estaria assim apontada com essas características negativas. Devido a todos esses fatores será colocada na berlinda que assim como no jogo infantil será o centro das atenções e todos opinam sobre ela.

* Graduada em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Mestranda em História Social da Cultura Regional pela UFRPE sob a orientação da Doutora Giselda Brito Silva. Atualmente desenvolve a pesquisa: As Plinianas de Pernambuco: o cotidiano das mulheres na Ação Integralista Brasileira (1932-1938).

René Remond ao abordar a história política faz uma crítica às mudanças ocorridas em relação a esses estudos: "[...] como se todo avanço devesse ser pago com algum abandono [...]" (REMOND: 2003, p. 14). Todos esses fatores conduzem esse modo de fazer história política ao descrédito, já que não corresponde mais aos novos postulados historiográficos. Remond (Ibid, p. 18) afirma que chega o momento de se passar de uma história dos tronos para a dos povos e das sociedades.

As formas de estudo que o historiador passa a ter com a política assume uma redefinição nesse campo da disciplina. Com a emergência de uma Nova História Cultural emerge também uma Nova História Política que passa a dialogar com outras disciplinas. A política abandona a narração dos fatos e passa a analisar os sistemas políticos e os aspectos culturais e imaginários que os envolvem como seus rituais, práticas, discursos e representações políticas, segundo Barros (2011, p. 45).

A história cultural apresenta novas perspectivas para o político como também amplia novos campos de pesquisa como a história das mulheres. As identidades coletivas serão apresentadas e seus tantos grupos sociais como novos objetos da história. Tanto a história cultural como a história das mentalidades vai reforçar o avanço do estudo sobre o feminino.

As mulheres com a qual nos propomos a estudar estiveram inseridas num movimento político na década de 1930. O campo da política ainda até os nossos dias para as mulheres é ainda um universo pouco frequentando, haja vista na década de 1930 num movimento conservador. Segundo dados da ONU[1]: "Na América Latina e no Caribe, a média de mulheres ocupando o parlamento é de 25% enquanto que, no Brasil, índice varia entre 9% e 12%". Realmente a questão cultural que associa o lugar da política ao homem ainda encontra-se muito arraigada na sociedade.

A inserção das mulheres no movimento integralista acontece desde a sua fundação em 1932 na cidade de São Paulo. Na ocasião Plínio Salgado, chefe nacional do movimento lança o "Manifesto de Outubro de 32[2]" Documento esse que apresentou para a população paulista o que seria o movimento integralista pautado na tríade: "Deus, Pátria e Família". O movimento enxergava o Brasil como uma grande família e que homem,

[1] Disponível em < http://www.onu.org.br/participacao-das-mulheres-brasileiras-na-politica-e-uma-das-mais-baixas-da-america-latina-e-caribe/> acesso em 27/06/2014 às 10:40.

[2] SALGADO, Plínio. **Manifesto de Outubro de 1932**. Acção Integralista Brasileira. Secretaria Nacional de Propaganda.

mulher e criança tinham obrigações na edificação desse novo país que os integralistas vislumbravam.

Em novembro desse mesmo ano "a mocidade acadêmica de Recife respondera ao MANIFESTO DE OUTUBRO com outro manifesto de adesão e encorajamento[3]". Esse manifesto foi elaborado pelos estudantes da Faculdade de Direito do Recife combatendo o comunismo e o liberalismo convocando os jovens para modificar a sociedade. Um movimento que na sua gênese apresentava intelectuais pensando de que maneira o país poderia tomar novos rumos.

O ingresso das mulheres no movimento geralmente acontecia por meio de algum parente do sexo masculino que tinha algum contato com as ideias integralistas e posteriormente levava sua mãe, irmã, esposa, tia e etc. Mas é no ano de 1936 que essa participação recebe um status de oficialidade dentro do movimento integralista. Acredito que como a quantidade de mulheres apresentava um grande crescimento e a participação nas atividades era intensa houve a necessidade de ser criar uma Secretaria Feminina.

A Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e Plinianos foi criada em 1936, tendo como finalidade coordenar as atividades femininas, prestando sempre obediência e disciplina ao Chefe nacional, tendo as seguintes divisões: expediente, cultura physica, educação, estudos e acção social. As chefes dos departamentos deveriam enviar mensalmente um relatório (até o dia 5 de cada mês) das atividades ao chefe do departamento nacional. Na Província de Pernambuco, como era chamado o estado pelos integralistas, não ficaria a parte dessa solenidade.

> Instalou-se solenemente no dia 18 do corrente ano, em sua sede á rua Barão de São Borja, 98, o Departamento Feminino. Presidiu a reunião o chefe provincial, ladeado pelo secretário do D. P. O. P., e por Anita Pires, nomeada secretaria geral do D. F., que já conta com numerosas adeptas[4].

Percebemos que as mulheres que ocupavam cargos de chefia ou mesmo que proferiam discursos, em sua maioria, eram letradas, geralmente professoras, profissão

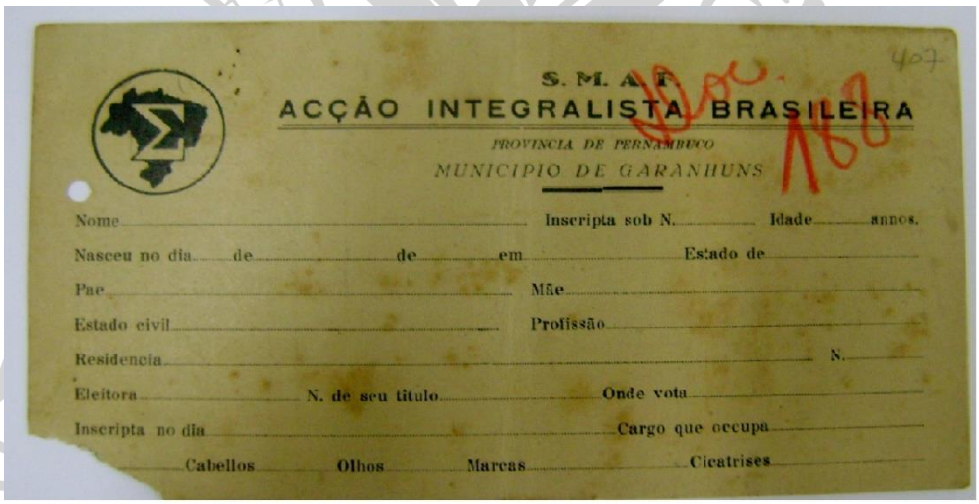
[3] "IV anniversario da Açcão Integralista Brasileira. Proclamação do chefe nacional. Breve histórico do Integralismo". Publicado pela Secretaria Nacional de Propaganda. **Prontuário Funcional Nº 1066-B**. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE/ DOPS – Departamento de Ordem Política e Social.

[4] **Jornal Ação** – Quinzenário de propaganda integralista. Recife, 30 de Setembro de 1934. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE/ DOPS – Departamento de Ordem Política e Social.

considerada adequada para a mulher da época. "Na última reunião apresentou um interessante trabalho sobre a doutrina integralista a companheira Professora Maria de Lourdes Mousinho que focalizou ainda com precisão e inteligência o papel da mulher no integralismo[5]".

Muitos dos documentos que apresentam essas participações foram escritos pelos homens que estavam nos cargos de chefia. Em muitos jornais que circulavam pela cidade do Recife na época podemos citar: *Diário de Pernambuco, Jornal Pequeno, Diário do Nordeste* ou alguns jornais integralistas apresentavam discursos ou solenidades que as mulheres participavam. Já a documentação dos núcleos apresentava de que maneira as mulheres deveriam se portar e que deveriam seguir um conjunto de normas.

A mulher que entrasse para o movimento integralista preenchia uma ficha com seus dados, como: nome, data de nascimento, nº de inscrição, nome do pai e da mãe, estado civil, endereço residencial, profissão, se era eleitora, nº do título, local de votação e algumas características físicas.


S. M. A. I.
ACÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA
PROVINCIA DE PERNAMBUCO
MUNICIPIO DE GARANHUNS

Nome ..... Inscripta sob N. ..... Idade ..... annos.
Nasceu no dia ..... de ..... de ..... em ..... Estado de .....
Pae ..... Mãe .....
Estado civil ..... Profissão .....
Residencia ..... N. .....
Eleitora ..... N. de seu titulo ..... Onde vota .....
Inscripta no dia ..... Cargo que occupa .....
Cabellos ..... Olhos ..... Marcas ..... Cicatrises .....

Figura 1: Ficha de Inscrição[6]

Dessa maneira o movimento registrou qual era o perfil das militantes e outras informações pertinentes a nosso trabalho. O trabalho feminino não era combatido de maneira direta, tinham as condições que eram permitidas essas práticas. Caso a mulher

[5] **Jornal Ação** – Quinzenário de propaganda integralista. Recife. 10 de Novembro de 1934. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE/ DOPS – Departamento de Ordem Política e Social.

[6] **Secretaria Municipal de Arregimentação Feminina**. Núcleo de Garanhuns. **Prontuário Funcional Nº 4938.** Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE/ DOPS – Departamento de Ordem Política e Social.

fosse arrimo de família ou tivesse que trabalhar por necessidade ou para complementar a renda do marido ela poderia exercer atividades na rua, mas não se esquecendo da sua "natureza". A "natureza" feminina nesse momento estaria atrelada ao papel de mãe, esposa e dona de casa e mais ainda ela deveria exercer seus três papeis pautadas no integralismo.

> A mulher integralista no lar deve ser um permanente factor de incitamento ao esposo, paes, filhos, irmãos, levando-os a cumprirem rigorosamente seus deveres de camisas-verdes: deve ser uma propagandista tenaz, em todos os meios sociaes em que tiver influência[7];

Para que essa mulher pudesse ser essa propagandista tenaz ela era instruída pelas outras militantes nos espaços que o movimento cedia para a realização de aulas. E os homens que eram próximos a essas mulheres como seus esposos, líderes as instruíam como agir para ser uma pliniana. Na divisão de estudos as mulheres tinham acesso a diferentes conhecimentos e a doutrina integralista.

A divisão de estudos[8] estava dividida em dois setores: cursos e conferências. Os cursos seriam de Sociologia, Filosofia e Pedagogia. As conferências eram sobre Economia, Geografia Humana, Literatura e Arte e formação moral e cívica. Caso a mulher não soubesse ler nem escrever a divisão de educação estaria incumbida de alfabetiza-la.

E é esse ponto que os integralistas apresentam de inovador para as condições da época e principalmente no que concerne a situação das mulheres, o acesso aos estudos. O índice de analfabetismo era alto para a década de 1930 e esse grau aumentava quando passavam para as mulheres. Muitas eram mulheres pobres da zona rural de Pernambuco e até uma dessas mulheres vai se candidatar a um cargo público na chapa formada para concorrer às eleições municipais. Podemos destacar a participação de Maria do Carmo Dourado Rodrigues que foi esposa de José Rodrigues da Silva militante atuante na cidade de Garanhuns[9].

---

[7] Schema das theses a serem desenvolvidas. **Prontuário Funcional Nº 1066-B**. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE/ DOPS – Departamento de Ordem Política e Social.

[8] **Prontuário Funcional Nº4938** – APEJE/DOPS – Secretaria Provincial de Arregimentação Feminina e dos Plinianos.

[9] **Secretaria Municipal de Arregimentação Feminina**. Núcleo de Garanhuns. **Prontuário Funcional Nº 4938.** Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE/ DOPS – Departamento de Ordem Política e Social.

Muitas mulheres discursavam e para que tivessem domínio do conteúdo proferido teriam que obter certo grau de conhecimento. Nesse discurso realizado por uma militante integralista ele expõe a situação da trabalhadora pernambucana que por necessidade tinha que trabalhar nas fábricas.

> Confrange o coração de qualquer pessoa interessada na melhoria de vida das classes trabalhadoras examinar o estado de abandono material e moral da nossa mulher operária de Pernambuco. Sujeita ao mesmo regime de trabalho que vigora para o homem. [...] Se a gente considera a situação das operárias que trabalham no centro da cidade, facilmente conclui que ela é precaríssima, porque além do mais, essas trabalhadoras se escravizam à vaidade pessoal. [...] A promiscuidade no local de trabalho e os continuados encontros na saída, tudo concorre para esse ambiente de perigo que cerca a mulher trabalhadora[10].

Ela aponta que a mulher é sujeita ao mesmo regime de trabalho que o homem e é sabido que as condições impostas para as mulheres eram piores que para os homens, pois ainda vigorava a desigualdade salarial. E ainda mais esses locais não eram considerados como adequados para as mulheres discurso pautado pelos integralistas não apenas homens, mas também as mulheres partilhavam dessas ideias. Segundo Maluf e Mott (1998, p. 374):

> [...] o lugar da mulher é o lar, e sua função consiste em casar, gerar filhos para a pátria e plasmar o caráter dos cidadãos do amanhã. Dentro dessa ótica, não existiria realização possível para as mulheres fora do lar; nem para os homens dentro de casa, já que a eles pertenceria a rua e o mundo do trabalho.

O lar era considerado como o reduto feminino tanto que em muitos momentos a mulher é tida como a rainha do lar e da nação. Quando Plínio Salgado publica a obra *A mulher no século XX* (1947) ele apresenta de maneira especifica como e de que maneira a mulher deveria se portar diante da sociedade. Quando ela fala da educação voltada para a mulher percebe-se que essa educação necessita de um controle e precisa está atrelada a formação moral e religiosa.

> Conseguintemente, mesmo do ponto de vista da fisiologia cerebral, parece-me que a instrução sem educação nada aproveita e quanto ao índices valorativos da personalidade, não temos a menor dúvida de que isso a que chamam educação e que não passa de instrução sem objetivo

[10] *Diário do Nordeste*, 1937, p. 5. **Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano** – APEJE/ DOPS – Departamento de Ordem Política e Social.

> moral, nada vale à mulher no sentido de prepara-la para cumprir a sua missão e defender os seus direitos. (1947, p. 58).

Ele afirma que a mulher pode estudar tornando-se literata, cientista, doutora o que é muito bom, mas há um perigo da instrução sem educação. Educação será denominada de um armazenamento de conhecimentos e a mulher precisa ser instruída em meio a sociedade burguesa cheia de atrativos. A mulher é considerada como uma pessoa fútil [...] "a mulher, mais impulsiva, ao mesmo tempo que cede aos primeiros estímulos da novidade, entrega-se, dá-se inteira, tanto ao bem como ao mal, o que é uma condição mesmo da passividade inerente ao sexo"(SALGADO, 1947, p. 59). Essa mulher será preparada percebe-se nas palavras do chefe nacional que a mulher precisa de alguém para lhe guiar e que lhe prepare para a sua missão. A missão materna da mulher estaria acima de qualquer outra função que ela desempenhasse e se fosse por vocação.

As funções que a mulher desenvolvesse na sociedade teria que permear a maternidade, era como se a mulher não pudesse se desvencilhar desse "destino" pré-concebido. Esse pensamento não permeava apenas as fileiras integralistas, mas o pensamento da época estava pautado nessas ideias. A mulher era a todo o momento convencida que a maternidade seria inerente a sua "natureza". A cerca disso Badinter (1985, p. 12) afirma:

> O amor materno foi por tanto tempo concebido em termos de instinto que acreditamos facilmente que tal comportamento seja parte da natureza da mulher, seja qual for o tempo ou o meio que a cercam. Aos nossos olhos, toda mulher, ao se tornar mãe, encontra em si mesma todas as respostas à sua nova condição. Como se uma atividade pré-formada, automática e necessária esperasse apenas a ocasião de se exercer. Sendo a procriação natural, imaginamos que ao fenômeno biológico e fisiológico da gravidez deve corresponder determinada atitude maternal.

E ainda se a mulher estivesse impedida biologicamente de ter filhos teria que exercer essa função socialmente. As suas ações teriam que ser pautadas pelo "instinto" maternal e se assim não fosse, a natureza seria absurda, desligando a vida psíquica da sua base física. Nas palavras de Plínio Salgado essas ações tornariam as mulheres melhores, pois estariam incumbidas de educar os futuros filhos da pátria.

A mulher aparecia sempre como um elemento chave na constituição da família, pois o integralismo acima de tudo prezava a família e seu modelo tradicional. Se a mulher tinha acesso a educação seria além de tudo não para que ela se emancipasse enquanto

mulher, mas para que ela pudesse exercer o papel de mãe seja da pátria ou do lar. O movimento integralista era contrário ao movimento feminista, pois a mulher não deveria buscar igualdades de direitos. A mulher não era considerada igual ao homem, mas diferente. O homem e a mulher se complementavam cada um exercia a sua função social. Assim esse discurso repetido várias vezes fabrica verdades acerca dos papeis exercidos pelos sujeitos. Segundo Foucault (1994, p. 10):

> Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.

Convencer a mulher da sua importância social era uma das maneiras de engrossar as fileiras engradecendo suas qualidades como: sacrifício, abnegação, maternidade, obediência e sensibilidade. Em muitos momentos as próprias mulheres estavam nos espaços públicos discursando as diversas maneiras de recondução do país.

O termo "nem a mulher boneca, nem a mulher soldado" foi retirado da obra já citada de Plínio Salgado sobre a mulher. Dois termos completamente opostos, já que a boneca de acordo com a nossa construção cultural remete a figura feminina e o soldado a figura masculina. Mas porque negar à atribuição dessas duas características a mulher? O chefe nacional do movimento vai apontar como errôneo a associação da mulher a um simples bibelot[11]. A palavra é associada à delicadeza e a mulher não poderia apenas viver em torno da futilidade e das seduções do materialismo, pois essa mulher seria considerada vazia. Como apontando anteriormente esse não era o papel da mulher e este perfil estaria associado as que ocupassem a classe média e alta, já que a mulher pobre teria que trabalhar.

E a associação da mulher a figura de um soldado seria considerada como extrema, já que "querem que ela exerça todas as funções do homem na sociedade, desde as fábricas e os campos até o exercício de certas profissões que contrariam a sua natureza[12]". Ao exemplificar no tocante as profissões Salgado afirma que querem fazer da mulher uma concorrente do homem. Os espaços da rua não são permitidos as mulheres

[11] SALGADO. Op. Cit. p. 93

[12] SALGADO. Op. Cit. p. 93

principalmente para o exercício de profissões que eram consideradas masculinas. Esses espaços poderiam ser frequentados no caso em que a mulher não tivesse opção.

A mulher nasceu para o privado e o homem para o público sendo considerada uma anormalidade biológica se essas funções fossem modificadas. A maternidade legitima ainda mais a naturalização dos papeis uma vez que a educação dos filhos é considerada como uma obrigação da mulher. E na construção de uma nova nação a participação feminina era indispensável. Caberia à mulher conduzir a sua família para a elevação da moral e dos bons costumes.

> Elevar, cada vez mais, os valores do Espirito; combater todas as formas de materialismo, a decadência dos costumes, luctando pela moralização; combater a ostentação e o luxo que esta accendendo a colera das massas operarias, combater o egoísmo e o commodismo burgueses, os fúteis orgulhos, os preconceitos de uma civilização cruel para com os humildes[13];

Através do combate as diversas formas de materialismo a família seria edificada dentro da tríade integralista: Deus, Pátria e Família. Por isso o combate as "futilidades" já que a mulher não poderia ser considerada uma boneca de cabecinha vazia e a igualdade considerada como ridícula. Pois a mulher que aspirasse um lugar fora dessa tradicionalidade não seria bem aceita. A questão da beleza nesse capítulo tratado por Plínio Salgado é interessante há um combate aos exageros da beleza, mas não significa que a mulher não deve abandonar os cuidados com ela. E a mulher não apenas tem o direito de ser bela, mas o dever afirma Salgado legitimando assim a obrigatoriedade da beleza feminina. Em relação à mudança no século XX no tocante ao corpo acompanhado pelos novos padrões de beleza Caleiro e Gusmão reiteram (2012, p. 3): "Os cuidados com o corpo – que se transformam em fonte de investimento da indústria – e a preocupação em esculpir a silhueta começam a se tornar um dever com destaque especial para as mulheres".

Além da beleza feminina a disciplinarização do corpo estava na pauta para o perfil de uma militante do Sigma[14], a pratica de exercícios físicos. Afinal de contas de

[13] Schema das theses a serem desenvolvidas. **Prontuário Funcional Nº 1066-B**. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano – APEJE/ DOPS – Departamento de Ordem Política e Social.

[14] A AIB (Ação Integralista Brasileira) também chamado de movimento do Sigma devido ao uso do símbolo matemático que corresponde no nosso alfabeto a letra S que seria a soma estando presente na bandeira e no distintivo integralista no sentido de integrar as forças sociais.

que maneira a mulher poderia dar exemplo de beleza e saúde. Segundo Simões (2012, p. 156):

> Kendall chamou a atenção para o fato de que esses exercícios devem ser feitos de uma maneira quase rítmica, de um modo lento e contínuo, aspirando e expirando o ar, para que sejam "satisfeitas as exigências da faceirice ao mesmo tempo que as necessidades da saúde". "Ficar mais bonita tendo mais saúde: existirá um ideal que mereça ser mais assiduamente conquistado?"

Percebe-se que a todo o momento o corpo feminino é controlado e regras são impostas em relação ao comportamento desenvolvido tanto no público quanto no privado. E a mulher integralista deveria sempre ser sinônimo de exemplo e dedicação, até se por necessidade viesse a desenvolver uma atividade considerada masculina deveria encarar como um meio de preparação para o exercício do papel de esposa e mãe.

O historiador ao analisar as tantas trajetórias das mulheres que participaram desse movimento de massas deve ter cautela, pois nenhuma escrita é neutra ela carrega o tempo e o lugar do historiador. Não se deve homogeneizar essas participações, sabe-se que muitas mulheres não viam a sua inserção como militância política, mas sim como legitimação do lugar da mulher em papeis tradicionais. Mas também não eram todas as mulheres que concordavam com esse lugar, tanto que muitas discursavam se candidataram a cargos públicos, ou seja, participavam ativamente do movimento.

As oportunidades que o movimento integralista proporcionava para a mulher era de grande importância para a formação de uma nova mentalidade. O acesso ao conhecimento e a leitura abriu novas possibilidades de visão de mundo, mas havia um controle em relação a esses pensamentos. Tanto que se fala numa educação, mas com instrução, a mulher precisava ser guiada já que outras maneiras de pensar o papel da mulher estavam sendo produzidas.

As formas de pensamento que estivessem fora desses locais tradicionais eram combatidas nos meios de comunicação integralistas que legitimavam e combatiam outro lugar que não fosse o permitido. Analisar os aspectos culturais e imaginários dessa participação é refletir como a sociedade de 1930 construía modelos para a mulher. Não podemos afirmar nem negar que havia uma consciência política feminina. Não era a intenção que a mulher guiasse seu caminho, mas "rezasse conforme a cartilha". O pertencimento a um determinado gênero cria uma questão de performatividade que vai através dos gestos e signos produzir significado, como assinala Butler (2003). E o

movimento integralista arregimenta o feminino, a mulher não poderia ser atrelada nem a figura da fragilidade da boneca nem a dureza do soldado. Dar vozes a essas tantas jovens e senhoras que ocupavam a rua para dizer que o lugar da mulher era em casa é a meta da nossa pesquisa, mas que através dessas práticas acreditavam no seu potencial e muitas fizeram parte de uma história no feminino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, José D'Assunção. A Nova História Cultural – considerações sobre o universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 12, n.16, 1º sem. 2011.

_____. **Teoria da História**, Vol.1. 3º edição, Petropólis, RJ: Vozes, 2013.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

CALEIRO, Regina Célia Lima. GUSMÃO, João Lucas Fagundes Versiani. História, corpo, moda e questões sobre o feminismo. **Histórica** – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo, nº 53, abr. 2012.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A nova "velha história": o retorno da história política. **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, nº 10, 1992.

REMOND, René. Uma história presente. In: REMOND, René (org.). **Por uma história política.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

MALUF, Marina & MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do Mundo Feminino. In. SEVCENKO, Nicolau.(org.) **História da Vida Privada no Brasil**. República: da Belle époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Vol. 3.

SALGADO, Plínio. **A mulher do século XX.** Porto: Livraria Tavares Martins, 1947.

SIMÕES, Renata Duarte. **A Educação do corpo no jornal *A Offensiva* (1932-1938).** Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, 2009.